



Um olhar tensivo sobre a estrutura barthesiana do *fait divers*

Conrado Moreira Mendes*

Resumo: Neste artigo, propõe-se uma releitura do conceito de *fait divers*, cunhado por R. Barthes (1964), a partir da perspectiva da semiótica de vertente tensiva. Definido pelo semiólogo francês como “uma informação monstruosa”, Barthes foi o primeiro teórico a lançar luz sobre esse tipo de relato noticioso da ordem do inusitado, no sentido de lhe conjecturar uma estrutura. A partir do escopo teórico da semiótica tensiva, parece heurístico e econômico para semiótica aventar que o *fait divers* se configura como um fato semiótico de bases concessivas, em geral, à maneira do acontecimento zilberberguiano. Uma visada tensiva sobre o *fait divers* mostra que a teoria tensiva, além permitir um maior grau de abstração para a análise de tal categoria de notícias, põe em evidência suas próprias relações intratextuais, mantendo intacto o primado da imanência, justamente o que caracteriza a disciplina.

Palavras-chave: Tensividade, *Fait divers*, Acontecimento, Roland Barthes

Introdução

O *Grand Dictionnaire Universel du XIXe siècle*, de Pierre Larousse, assim apresenta o verbete *fait divers*:

Sob essa rubrica, os jornais agrupam com arte e publicam regularmente todo tipo de notícias que correm pelo mundo: pequenos escândalos, acidentes de carros, crimes hediondos, suicídios por amor, pedreiro caído do quinto andar, assaltos, chuvas de gafanhotos ou de sapos, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras burlescas, sequestros misteriosos, execuções fatais, casos de hidrofobia, de antropofagia, de sonambulismo, de letargia [...] fenômenos da natureza [...] bezerros de duas cabeças, [...] gêmeos grudados pelo ventre, criança com três olhos, anões extraordinários, etc.¹

O uso do termo verificou-se, pela primeira vez, no periódico parisiense *Le Petit Journal*, de Moïse Polydore Millaud, lançado em 1o de fevereiro de 1863 (cf. Meyer, 1996, p. 98). A expressão, desde então, é

largamente utilizada para nomear notícias que não se enquadram nas editoriais tradicionais do jornalismo, como política, economia, cultura, internacional, etc. Embora a expressão remonte ao advento da imprensa de massa, na segunda metade do século XIX, segundo Dion (2007, p. 127), esse tipo de notícias existia muito antes de sua veiculação nos jornais. Suas narrativas estavam relacionadas a um tipo de espetáculo cultural, em que o público participava e cuja transmissão era eminentemente oral. Nesse sentido, Ramos (2008, p. 137) mostra que o *fait divers* “já existia em diferentes produções culturais, na Idade Média, habitando os cantos dos menestréis, em seus apelos e interpelações de entretenimento”.

Barthes (1964)² foi o primeiro teórico a lançar luz sobre esse tipo de relato da ordem do inusitado, do monstruoso e, por vezes, do privado. A especificidade da abordagem barthesiana reside em conjecturar uma estrutura para o *fait divers*. O propósito deste artigo, como anuncia o título, é lançar um olhar a partir da semiótica tensiva (Cf. Fontanille; Zilberberg, 2001; Zilberberg, 2011a; 2011b) sobre a estrutura que Barthes propôs ao *fait divers*. Fazemo-lo por meio

* Docente / Pontifícia Universidade Católica / Centro Universitário de Belo Horizonte PUC / UniBH. Endereço para correspondência: (conradomendes@yahoo.com.br).

¹ As traduções dos trechos em língua estrangeira citados são de nossa autoria.

² Utilizamos o texto original francês, salvo nos casos em que a tradução de Leyla Perrone-Moisés (“Estrutura da notícia”), publicado em *Crítica e verdade* ou a de Antônio Massano e Isabel Pascoal (“Estrutura do caso do dia”), publicado em *Ensaios críticos*, ajudou-nos a esclarecer alguma passagem.

³ A este subjaz a noção de concessão (*embora não fosse possível, aconteceu*), oposta à de implicação (*se... então*), em torno da qual gravitou por muito tempo toda a teoria semiótica.

da aproximação entre dois conceitos: o de *fait divers* Barthes (1964) e o de acontecimento [événement] ³ Zilberberg (2011a).

Assim, dividimos o presente artigo desta maneira: começamos expondo o conceito semiótico de *acontecimento* para, em seguida, apresentar o que Barthes chama de *estrutura do fait divers*. Finalmente, a partir da vertente tensiva da semiótica, postulamos o que, a nosso ver, parece heurístico e econômico para a teoria semiótica, qual seja, aventar que o *fait divers* se configura como um fato de bases concessivas, em geral, à maneira do acontecimento zilberberguiano.

1. Sobre o conceito de acontecimento

O conceito de acontecimento ocupa uma posição central na semiótica tensiva, tanto que Zilberberg (2011a, p. 46) chega a afirmar: “ao lado de uma semiótica fascinada ou talvez até alienada pela produção, apropriação e circulação dos objetos de valor, está se delineando uma não menos consistente *semiótica do acontecimento*”.

Cumpra, assim, de início, diferenciar *fato* de *acontecimento*: “o fato tem por correlato intenso o acontecimento. [...] O acontecimento é o correlato hiperbólico do fato, do mesmo modo como o fato se inscreve como diminutivo do acontecimento” (? , p. 16). O acontecimento, dessa forma, é raro e concentra uma carga tímica paroxística, ao passo que o fato é numeroso menos tônico. Este também se caracteriza por não poder ser visado, antecipado, pois, “quando a coisa acontece, já é tarde demais!” (Zilberberg, 2011a, p. 169)

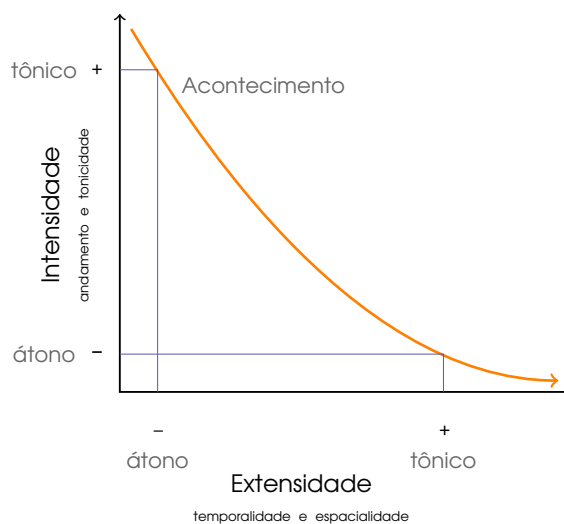
A sintaxe do acontecimento é definida como o produto das subdimensões da intensidade *andamento* e *tonicidade*. Em termos simples e breves, é o produto da velocidade aguda de um evento com sua energia e força de impacto no sujeito. Essas subdimensões agem juntas, perturbando o sujeito por meio de uma “tempestade modal” instantânea (Zilberberg, 2011a, p. 236), deixando-lhe apenas um sofrer que se sobrepõe ao agir: “O acontecimento, por ser portador do impacto, manifesta enquanto tal que o sujeito trocou ‘a contragosto’ o universo da medida pelo da *desmedida*” (p. 163). Noutros termos, o acontecimento significa levar a afetividade ao auge, e tornar a legibilidade, a intelecção, nula.

Quanto às subdimensões da extensidade, a temporalidade é aniquilada — o tempo fica “fora dos eixos”. O mesmo se pode dizer da espacialidade, pois o sujeito, estupefato, vê-se “pregado” no chão, ou, num lapso de tempo, engolido por um buraco negro, retirado de sua própria ambiência:

O acontecimento, na qualidade de grandeza tensiva, deve ser apreendido como uma inver-

são das valências respectivas do sensível e do inteligível. Marcado por um andamento rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade (Zilberberg, 2011a, p.190).

O diagrama a seguir representa graficamente a estrutura do *acontecimento*:



Para Zilberberg (2011a, p. 176), o acontecimento é a “realização súbita e extática do irrealizável”, mais precisamente, esse sistema levaria em conta o modo concessivo, oposto ao implicativo (do se... então), segundo o qual: *ainda que não fosse possível, tal coisa aconteceu*.

Agindo contra esse programa, o discurso atuaria como um contraprograma, uma espécie de frenagem do andamento acelerado, isto é, uma intelecção do que é essencialmente sensível: “O discurso se empenha em refazer aquilo que a exclamação desfaz” (Zilberberg, 2011a, p. 194). Ou, ainda: “O acontecimento significa literalmente a negação do dizer, a negação do discurso. [...] O acontecimento é antes de tudo um não-sei-o-que que deixa o sujeito sem voz, sem a *sua voz*” (Zilberberg, 2011a, p. 189). Por isso, o discurso depende do acontecimento e do fato para existir. Ele se constrói justamente pela sucessão de continuidades de descontinuidades, o que justifica a existência de um programa de frenagem a que o semioticista se referiu.

Cabe dizer também que o acontecimento satura o campo de presença, por isso, nas palavras que Zilberberg (2011a, p. 192) empresta de Tocqueville, “prescinde de significação, mas apenas momentaneamente”. Porém, seu destino inexorável é perder em intensidade e ganhar em extensidade. Assim, “o sujeito consegue progressivamente, por si próprio ou com auxílio, reconfigurar o conteúdo semântico do acontecimento em estado” (Zilberberg, 2011a, p. 168). Em suma:

O acontecimento não pode ser *apreendido* senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo. Mas nada nem ninguém conseguiria impedir que o tempo logo retome seu curso e que o acontecimento entre pouco a pouco nas vias da potencialização, isto é, primeiramente, na memória, depois, com o tempo na história, de maneira que, *grosso modo*, tal acontecimento ganhe em legibilidade, em inteligibilidade, o que perde paulatinamente em agudeza (Zilberberg, 2011a, p. 169).

2. A estrutura barthesiana do *fait divers*

Conforme mencionamos na introdução deste artigo, apesar da pré-existência do termo *fait divers*, a elaboração do conceito desse tipo de notícia, no que se refere fundamentalmente à concepção de uma estrutura, remete, decerto, a Barthes (1964). Tanto o é que esse conceito tornou-se referência obrigatória a qualquer abordagem que se faça do *fait divers*. O *fait divers* se refere, segundo o autor, a notícias acerca de eventos de caráter grotesco, em geral da ordem do privado. Em uma palavra, trata-se de “uma informação monstruosa” (Barthes, 1964, p. 194).

O semiólogo francês diferencia o *fait divers* de outras editoriais jornalísticas ao comparar dois tipos de assassinato: um, por razões políticas, e um segundo, por exemplo, um crime passional. O do primeiro tipo, necessariamente, remete a um conhecimento exterior ao fato propriamente dito, ou seja, à conjuntura política, às razões daí decorrentes que motivaram tal assassinato, etc.: “Em suma, o assassinato escapa ao *fait divers* sempre que ele for exógeno, vindo de um mundo já conhecido [...]. O assassinato político é, portanto, sempre uma informação parcial” (Barthes, 1964, p. 195). O *fait divers*, conforme o autor, ao contrário, prescinde de dados pré-existentes, constitui-se como uma informação total, “contém em si todo o saber: não é necessário nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete formalmente a nada senão a si próprio” (p. 195). Seu conteúdo, entretanto, não é estranho à “realidade” que nos cerca: são geralmente desastres, mortes, acidentes e bizarrices em geral: “*sem duração* e sem contexto, ele constitui um ser imediato, total, que não remete a nada de implícito [...]. É sua imanência que define o *fait divers*” (p. 195; itálicos nossos).

Na concepção de Barthes, as relações imanentes ao *fait divers* podem ser de dois tipos. A primeira é a de causalidade, em geral, aberrante. Por isso, ele traz consigo, nas palavras do autor, “um germe de degradação” (p. 197). Esse tipo de estrutura subdivide-se em duas formas de causalidade: a causa perturbada

e a causa esperada. Na do primeiro tipo, não se sabe da causa do evento, ou, ainda, uma pequena causa gera um grande efeito. No segundo tipo de causalidade, a importância da relação perde força — ainda que continue presente — e a ênfase é posta sobre o que autor chama de *dramatis personae*, como, por exemplo, uma criança, um idoso, uma madrasta — “tipos de essências emocionais, encarregadas de dar vida a um estereótipo” (p. 197).

O segundo tipo de relação imanente, segundo Barthes, é o de coincidência, o qual se subdivide, igualmente, em dois subtipos: repetição e antítese. Alguém que ganha na loteria mais de uma vez, ou, ainda, contrariando a expressão popular, um raio que cai duas vezes no mesmo lugar constitui um *fait divers* pelo caráter inesperado da repetição. No caso da antítese, duas lógicas opostas constituem esse tipo de relação imanente.

Tomemos o Caso Isabella Nardoni para exemplificar. Exhaustivamente noticiado pela mídia brasileira em 2008, o episódio gira em torno do assassinato de Isabella Nardoni, de cinco anos. Os suspeitos, à época, foram o próprio pai, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Anna Carolina Jatobá. Tal desconfiança se comprovou ao longo da investigação: de indiciados pelo crime, foram acusados e condenados pela justiça. Conforme narrou a imprensa, a menina foi ferida, asfixiada e, por fim, jogada pela janela do sexto andar do apartamento do pai. Isabella passava o final de semana com ele, a madrasta e os dois filhos do casal. Socorrida pelos bombeiros, a criança morreu a caminho do hospital.

No que se refere à relação de causalidade, inicialmente, desconhecia-se o motivo da morte da menina, isto é, configura-se uma causa perturbada, pela definição de Barthes (1964). Ao mesmo tempo, esse *fait divers* ancora-se num segundo tipo de relação de causalidade, no qual a ênfase é posta sobre as *dramatis personae*: estão em jogo as figuras da criança, do pai, da madrasta que remontam aos estereótipos que repousam na cultura. No que tange à relação de coincidência, o evento, obviamente, não se dá por repetição, mas por antítese. No Caso Isabella Nardoni, a menina é assassinada pelo próprio pai, com ajuda da madrasta. Aquele, portanto, que seria o responsável pela criação e bem-estar da filha, paradoxalmente, é o causador de sua morte:

O pai, inclusive, com formação universitária. É um advogado. Isso parece não ter sido o suficiente, para impedir o evento trágico. [...] O jogar uma menina, de quatro anos [na verdade, cinco anos], pela janela de um prédio, de classe média, do sexto andar, com uma altura aproximada de 20 metros, é uma singularidade trágica. Contraria a própria configuração do trágico usual e urbano. Oferece uma ruptura ao Estereótipo vigente.[...]

Isabella perde a vida pelas mãos de quem a dera — o seu pai, conforme a acusação. [...] Alexandre Nardoni, responsável pelo cuidado, pelo amparo da menina, torna-se réu pelo seu assassinato. Ele, um advogado, que deveria ser o paladino das leis, parece ser o seu fiel transgressor, cultivando a Antítese — pai e provável assassino (Ramos, 2008, p. 144-145)⁴.

Assim, pelas categorias postuladas por Barthes, o Caso Isabella Nardoni constitui-se como um *fait divers* por excelência.

Cabe dizer ainda que, pela proposição barthesiana, não há *fait divers* sem o susto, sem o espanto de quem vê, lê ou assiste. A temática pode ser ainda de dois tipos: crimes (crimes passionais, suicídios, chantagens, agressões sádicas) e fenômenos [*prodige*], da ordem do inesperado, tais como notícias sobre supostos discos voadores, fenômenos paranormais, religiosos, etc. Dion (2007, p. 126), nesse sentido, destaca a pouca variabilidade temática do relato noticioso em questão: “De fato, parece que o *fait divers* é eminentemente repetitivo”. Observa-se, entretanto, uma particularidade desse pequeno inventário temático: são sempre marcados por um forte caráter fortuito e emocional.

Barthes (1964), nesse ensaio pleno de ideias, lança luz para o estudo do fenômeno dos *faits divers*, e indica caminhos capazes de suscitar ainda outras questões. Propomos fazê-lo, conforme anunciamos, pelo viés da semiótica tensiva. Antes, entretanto, é necessário sublinhar a diferença entre o que Barthes (1964) entende por *estrutura/imanência* e como o faz a semiótica de bases greimasianas.

Para a semiótica, a definição de Barthes para tais notícias (a exemplo do crime político — que necessitaria de informações exógenas a ele mesmo — diferente de um crime passional), apesar de estrutural⁵, não constituiria sua imanência. Aos olhos da disciplina de Greimas, são preliminarmente as relações intratextuais ali engendradas que criariam efeitos de sentido específicos desse tipo de relato. É por esse direção, portanto, que nos orientamos.⁶

Pela exemplificação de Barthes, a não necessidade de contexto especificaria o *fait divers*, enquanto sua imprescindibilidade definiria aquilo que não o é. Sem pretender fazer uma leitura estrita da máxima greimasiana, segundo a qual “fora do texto não há salvação”

⁷ (Greimas, 1974, p. 25), admitimos que são suas próprias categorias em relação que definem tal imanência. Desse modo, o conceito de *estrutura*, segundo Hjelmslev (1991, p. 29), “entidade autônoma de dependências internas”, ao qual subjaz o conceito de imanência, encontra-se, a nosso ver, atual para o estudo das relações intratextuais de quaisquer textos, entendidos em sentido lato.

3. Semiótica tensiva e *fait divers*: algumas aproximações

A nosso ver, Barthes (1964) esboçou, a partir de seu ensaio, uma espécie de “semiótica do acontecimento” *avant la lettre*, concebida e assim denominada por Zilberberg (2011a, p. 46). A curta duração, a intensidade com que ele se dá, as paixões, nomeadas ou não, suscitadas e intrínsecas a tais informações inesperadas, pontuais e “monstruosas” são, ao que queremos demonstrar, passíveis de serem transpostas a uma abordagem tensiva.

Nesse sentido, Alencar (2005, p. 116), na esteira do pensamento barthesiano, ressalta a intensidade constitutiva do *fait divers* e a temporalidade posteriormente demandada para apreendê-lo:

Entre um suicídio, um naufrágio, o nascimento de uma criança deformada ou um caso de canibalismo, o que haveria em comum, além de terem ocorrido “de fato” e de marcar o limite do humano? O que diferencia um *fait divers* de outros tipos de notícia? Assim como todo acidente, o *fait divers* interroga a visibilidade das coisas. *Diante do incompreensível, os preconceitos e a tentação jornalística de tudo explicar — tudo e imediatamente — recuam, perdem terreno. [...] O vivenciado se configura, tornando-se processo, traduzindo-se em temporalidade, ou seja, a vida busca inteligibilidade através da narrativa* (itálicos nossos).

A autora observa ainda a rapidez e a não serialidade, características do *fait divers*, ao afirmar:

Este [o leitor] é seduzido pelo princípio de uma desorganização generalizada, como se algo viesse dizer que a vida é assim mesmo, irrisória, vertiginosa, confusa. Os outros tipos

⁴ Quando da publicação do texto de Ramos (2008), o casal suspeito não havia ainda sido julgado e condenado.

⁵ Lembre-se que os termos *estrutural* e *estruturalismo* não constituem expressões unívocas. No dizer de Dosse (2007, p. 25), “os contornos da referência estruturalista são sobremaneira vagos, difusos”. Segundo o autor, não há senão *estruturalismos*, no plural. No que respeita a este texto, entretanto, entendemos *estruturalismo* a partir do conceito hjelmsleviano de estrutura.

⁶ Sabe-se, contudo, que a semiótica não ignora a “exterioridade discursiva”, termo semiotizado por Barros (2009); todavia, aborda-a a partir de metodologias que não contradigam o primado da imanência, que incluem, por exemplo, as relações intertextuais ou interdiscursivas que o texto em análise estabelece com outros textos/discursos.

⁷ Até porque cabe ao analista definir a semiótica-objeto, isto é, o que é texto e o que não é numa determinada análise. Nesse sentido, assevera Fontanille (2008, p. 19): “Assim, o *slogan* greimasiano deveria ser hoje reformulado: ‘Fora das semióticas-objeto não há salvação!’, cabendo a nós definir o que são essas ‘semióticas-objeto’”.

de notícia se aproximam do romance, expressão da totalidade e da longa duração, que supõe *uma serialidade que o fait divers desconhece* (Alencar, 2005, p. 118-119; itálicos nossos).

Assim, tal como o acontecimento zilberberguiano, o referido conceito de Barthes possui uma temporalidade mínima, é da ordem daquilo que afeta, do intenso, do universo do sensível, do passional, do estésico.

Dion (2007, p. 125) também ressalta que: “o *fait divers* é sempre a narração de uma transgressão qualquer, de um afastamento em relação a uma norma (social, moral, religiosa, natural)”. A afirmação da autora vem ao encontro de outra característica do conceito de acontecimento postulado por Zilberberg (2011a): seu caráter transgressor, inesperado, enfim, concessivo.

Dessa forma, temos elementos para conjecturar que o estilo concessivo de que fala (2011a, 2011b), que leva em consideração a realização do irrealizável, do fortuito, parece subjazer à estrutura do *fait divers*. É possível, assim, sugerir que a concessão se encontra nos substratos das relações imanentes propostas por Barthes (1964): causalidade e coincidência.

Vejam os de que maneira tais relações, propostas por Barthes (1964), encontram ressonância na teoria de Zilberberg (2011a). Em primeiro lugar, pensemos na relação de causalidade: a “relação de causalidade aberrante” é o oposto daquilo que se espera, portanto, do estilo implicativo (se... então). Consideremos agora o *fait divers* cuja relação de causalidade (causa esperada) perde força e o acento é posto sobre as *dramatis personae*: são figuras que carregam uma carga tímica muito elevada. Por exemplo, à figura da mãe que perde um filho, subjaz, no imaginário popular, a *mater dolorosa*, a *Pietà*, ou, como é conhecida em português, Nossa Senhora das Dores⁸. Retomando a citação de Barthes (1964, p. 197), as *dramatis personae* são “tipos de essências emocionais, encarregadas de dar vida a um estereótipo” (itálicos nossos). São figuras, portanto, que subtendem uma base figural de natureza eminentemente intensa.

Pensemos agora, ainda à luz do conceito zilberberguiano de acontecimento, nas relações de coincidência do *fait divers*. O termo *coincidência* comporta muitos traços sêmicos em comum com outros termos como *acaso*, *fortuito*. São eventos da ordem do inesperado, portanto. No que se refere ao primeiro tipo de coincidência, há a repetição. Todavia, não se trata de uma repetição no sentido de “a ordem natural das coisas”, ou da repetição que pauta o cotidiano, ou, ainda, aquela da linha de montagem fordista, parodi-

ada, por exemplo, em *Tempos modernos*, de Chaplin. A repetição aqui possui sempre um quê de insólito, de monstruoso, tal como na seguinte manchete do portal de notícias G1⁹: “Número de mulheres estupradas em festa na PB sobe para 6, diz delegada”. Isso porque a repetição, baseada no senso comum, é distributiva e não reiterativa.

O segundo tipo de relação de repetição é a antítese, isto é, a oposição de duas lógicas distintas. Tal figura da retórica encontra ressonância na proposta zilberberguiana de estilo concessivo, que remete à realização do irrealizável. Em ambos os casos, ocorre o contrário do que se espera.

Para Ramos (2008, p. 142), a abordagem barthesiana do *fait divers*:

Oferece-lhe uma estrutura, com duas categorias: a Causalidade e a Coincidência. Ambas estão direcionadas, para a classificação da excepcionalidade, fixada na dimensão do conflito, respectivamente, através da Causa Perturbada e Causa Esperada, da Repetição e da Antítese. Revela-lhe a Fatalidade, como Sujeito Absoluto, análogo ao “Deus-ex-Machina” da linguagem trágica.

Esse autor, ao sintetizar as relações barthesianas desse tipo de notícia, permite que nos apoiemos em sua asserção no sentido de que se entrevejam semelhanças entre os conceitos de *fait divers* e de *acontecimento*. Essa primeira aproximação entre tal conceito de Barthes (1964) e a gramática tensiva mostra-se ser profícua, não apenas pelo que ambos têm em comum, mas no sentido de aventar um modelo de maior poder heurístico para a abordagem dessa categoria noticiosa, pois, sendo mais abstrato, será, por conseguinte, mais econômico.

4. Considerações finais

Neste artigo, propusemos uma releitura do conceito barthesiano de *fait divers* à luz da semiótica tensiva, aproximando tal conceito ao de acontecimento e de concessão. Essa visada tensiva sobre o *fait divers* mostra que a teoria, além permitir um maior grau de abstração para a análise desse relato noticioso, põe em evidência suas próprias relações intratextuais, mantendo intacto o primado da imanência, justamente o que caracteriza a disciplina. ●

Referências

Alencar, Maria Amorim de
2005. *Viver com Barthes*, O que é o fait divers: con-

⁸ Encontramos respaldo para nossa argumentação no trabalho Lima (2010, p. 79-80), em que a autora analisa as relações intertextuais entre a fotografia de uma mãe com o filho morto nos braços e a obra *Pietà*, de Michelangelo.

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/paraiba/noticia/2012/02/numero-de-mulheres-estuprada-das-em-festa-na-pb-sobe-para-6-diz-delegada.html>. Acesso em: jul. 2012.

- siderações a partir de Roland Barthes, p. 115-128. vol. 1, Rio de Janeiro: Sete Letras.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
2009. Uma reflexão semiótica sobre a 'exterioridade' discursiva. *Revista Alfa*, n. 53, v. 2, p. 351-364.
- Barthes, Roland
1964. *Essais critiques*, Structure du fait divers. Paris: Seuil.
- Dion, Sylvie
2007. O fait divers como gênero narrativo. *Revista Letras (UFSM)*, v. 34, p. 123-131.
- Dosse, François
2007. *A História do Estruturalismo: o campo do signo - 1945/1966*. Tradução de A. Cabral. Bauru/SP: EDUSC.
- Fontanille, Jacques
2008. *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*, Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Bauru: UNESP/FAAC.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg Claude
2001. *Tensão e significação*. Tradução de I. C. Lopes; L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Humanitas.
- Greimas, Algirdas Julien
1974. L'Énonciation: une posture épistémologique. *Significação - Revista Brasileira de Semiótica*. Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), nº 1, p.09-25.
- Hjelmslev, Louis
1991. *Ensaio linguísticos*. Tradução de A. P. Danesi. São Paulo: Perspectiva.
- Larousse, Pierre
1866-1875. *Grand Dictionnaire universel du XIXe siècle.*, Fait divers, P. 58. Vol. 8. Paris: Librairie Classique Larousse et Boyer.
- Lima, Eliane Soares de
2010. Entre enunciatório e enunciário: um estudo sobre a compaixão. Master's thesis, 128f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Meyer, Marlyse
1996. *Folhetim: uma história*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ramos, Roberto
2008. Caso isabella: uma leitura semiológica. *Significação (USP)*, n. 30, primavera/verão, p.137-147.
- Site G1.
2012. Número de mulheres estupradas em festa na pb sobe para 6, diz delegada. Disponível em: <http://g1.globo.com/paraiba/noticia/2012/02/numero-de-mulheres-estupradas-em-festa-na-pb-sobe-para-6-diz-delegada.html/>. Acesso em jul. 2012.
- Zilberberg, Claude
2011a. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Zilberberg, Claude
2011b. *Des formes de vie aux valeurs*. Paris: PUF.
- Zilberberg, Claude
jun. 2007. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, n. 13, p. 13-28.

Dados para indexação em língua estrangeira

Mendes, Conrado Moreira

Un regard tensif sur la structure barthésienne du 'fait divers'

Estudos Semióticos, vol. 9, n. 2 (2013)

ISSN 1980-4016

Résumé: Dans cet article, nous proposons une relecture de la notion de fait divers, présenté par R. Barthes (1964), à partir du point de vue de la sémiotique tensive. Défini par le sémiologue français comme «une information monstrueuse», Barthes a été le premier théoricien à souligner ce genre de rapport de nouvelles de l'ordre inhabituel, afin d'en suggérer une structure. A partir de la sémiotique tensive, il semble heuristique et économique à la théorie sémiotique penser le fait divers comme un fait sémiotique de bases concessives, en général, à la façon dont l'événement zilberberguien. Une visée tensive sur le fait divers montre que la théorie tensive qui, en plus de permettre un plus grand degré d'abstraction pour l'analyse de ce rapport de nouvelles, met en évidence leurs relations intratextuels, en gardant intacte la primauté de l'immanence, que c'est précisément ce qui caractérise la discipline.

Mots-clés: Tensivité, Fait divers, Événement, Roland Barthes,

Como citar este artigo

Mendes, Conrado Moreira. Um olhar tensivo sobre a estrutura barthesiana do *fait divers*. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 22-27. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 30/Novembro/2012

Data de sua aprovação: 26/Março/2013
